

## MULHERES NEGRAS NA PÓS-GRADUAÇÃO BRASILEIRA EM TEMPOS DE PANDEMIA DE COVID-19

**Roberta Pires Corrêa<sup>1</sup>**

Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz

**Raquel Couto de Azevedo Gonçalves Mota<sup>2</sup>**

Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz

**Paulo Roberto Soares Stephens<sup>3</sup>**

Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz

### RESUMO

O objetivo deste estudo é investigar os impactos da pandemia de Covid-19 nos aspectos acadêmicos e psicológicos de estudantes negras (autodeclaração de pretas e pardas) no Brasil. A abordagem foi quantitativa com a aplicação de um questionário a 1.528 participantes, sendo 1.152 mulheres pardas e 376 pretas, de todas as regiões do Brasil, durante o período de isolamento social. Os resultados revelam que o acesso à pós-graduação está fortemente relacionado a fatores socioeconômicos, evidenciando desigualdades no sistema educacional, especialmente em relação à população negra, que enfrenta barreiras históricas. Além disso, identificamos altos índices de ansiedade e depressão, principalmente entre mulheres jovens, que relataram desmotivação, falta de concentração e dificuldades em conciliar as atividades acadêmicas com a vida pessoal. Essas estudantes enfrentaram desafios no cumprimento de prazos e na produtividade e demonstraram resiliência diante de um futuro incerto. Embora estejam em um nível avançado de ensino, a maioria das participantes não buscou apoio de profissionais especializados e não recebeu o suporte necessário das instituições de ensino. É crucial que os cursos de pós-graduação brasileiros reconheçam a crise de saúde mental e implementem medidas de apoio no período pós-pandêmico, como espaços de acolhimento e ações para promover a equidade. Este estudo enfatiza a necessidade urgente de políticas afirmativas robustas para garantir uma trajetória acadêmica saudável e plena para todas as estudantes negras brasileiras.

**Palavras-chave:** Pandemia de Covid-19; Pós-graduação; Mulheres negras; Saúde mental; Resiliência acadêmica.

<sup>1</sup> Pós-doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde (PPG-EBS/IOC/Fiocruz). Doutora em Ciências pelo mesmo programa. Pesquisadora do Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos (LITEB/IOC/Fiocruz). Av. Brasil, 4.365, Manguinhos, Rio de Janeiro – RJ, Brasil. CEP: 21040-900. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8207-4438>. E-mail: correa.robortapires@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda em Psicologia pela Universidade Veiga de Almeida. Desenvolve atividades de Iniciação Científica no Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos (LITEB/IOC/Fiocruz). Av. Brasil, 4.365, Manguinhos, Rio de Janeiro – RJ, Brasil. CEP: 21040-900. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0360-7401>. E-mail: raquelcouthomota@gmail.com

<sup>3</sup> Doutor em Neurociências pela Universidade Federal Fluminense. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde (PPG-EBS/IOC/Fiocruz). Coordenador do Curso Técnico em Biotecnologia e da Especialização em Biologia Parasitária e Biotecnologia do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz). Pesquisador do Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos (LITEB/IOC/Fiocruz). Av. Brasil, 4.365, Manguinhos, Rio de Janeiro – RJ, Brasil. CEP: 21040-900. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6389-1371>. E-mail: stephens@ioc.fiocruz.br

## BLACK WOMEN IN BRAZILIAN POSTGRADUATION IN TIMES OF THE COVID-19 PANDEMIC

### ABSTRACT

The objective of this study is to investigate the impacts of the Covid-19 pandemic on the academic and psychological aspects of Black Brazilian students (self-identified as Black and Brown). The approach was quantitative and qualitative with the application of a questionnaire to 1,528 participants, 1,152 brown women and 376 black women, from all regions of Brazil, during the period of social isolation. The results reveal that access to postgraduate studies is strongly related to socioeconomic factors, highlighting inequalities in the educational system, especially in relation to the black population, which faces historical barriers. Furthermore, we identified high rates of anxiety and depression, especially among young women, who reported lack of motivation, lack of concentration and difficulties in reconciling academic activities with their personal lives. These students faced challenges in meeting deadlines and productivity and demonstrated resilience in the face of an uncertain future. Although they are at an advanced level of education, the majority of participants did not seek support from specialized professionals and did not receive the necessary support from educational institutions. It is crucial that Brazilian postgraduate courses recognize the mental health crisis and implement support measures in the post-pandemic period, such as reception spaces and actions to promote equity. This study emphasizes the urgent need for robust affirmative policies to guarantee a healthy and fulfilling academic trajectories for all black Brazilian students.

**Keywords:** Covid-19 pandemic; Postgraduate; Black women; Mental health; Academic resilience.

## MUJERES NEGRAS EN EL POSTGRADO BRASILEÑO EN TIEMPOS DE PANDEMIA COVID-19

### RESUMEN

El objetivo de este estudio es investigar los impactos de la pandemia de Covid-19 en los aspectos académicos y psicológicos de estudiantes negras (autodeclaradas como negras y morenas/pardas) en Brasil. El abordaje fue cuantitativo y cualitativo con la aplicación de un cuestionario a 1.528 participantes, 1.152 mujeres morenas y 376 mujeres negras, de todas las regiones de Brasil, durante el período de aislamiento social. Los resultados revelan que el acceso a estudios de posgrado está fuertemente relacionado con factores socioeconómicos, destacando desigualdades en el sistema educativo, especialmente en relación con la población negra, que enfrenta barreras históricas. Además, identificamos altos índices de ansiedad y depresión, especialmente entre mujeres jóvenes, que reportaron falta de motivación, falta de concentración y dificultades para conciliar las actividades académicas con su vida personal. Estos estudiantes enfrentaron desafíos para cumplir con los plazos y la productividad y demostraron resiliencia frente a un futuro incierto. Si bien se encuentran en un nivel educativo avanzado, la mayoría de los participantes no buscaron apoyo de profesionales especializados y no recibieron el apoyo necesario de las instituciones educativas. Es crucial que los cursos de posgrado brasileños reconozcan la crisis de salud mental e implementen medidas de apoyo en el período pospandemia, como espacios de acogida y acciones para promover la equidad. Este estudio enfatiza la necesidad urgente de políticas afirmativas sólidas para garantizar una trayectoria académica saludable y satisfactoria para todos los estudiantes brasileños negros.

**Palabras clave:** Pandemia de COVID-19; Estudios de posgrado; Mujeres negras; Salud mental; Resiliencia académica.

### INTRODUÇÃO

A história da humanidade é marcada por diversos surtos e pandemias, que moldaram sociedades, economias e estruturas políticas. As crises globais frequentemente

têm suas raízes em doenças contagiosas como a peste bubônica, varíola, febre amarela, influenza e recentemente a Covid-19 (Barreto, 2020). A pandemia de Covid-19 ganhou contornos globais em março de 2020, moldando o curso das sociedades, modificando o cotidiano das pessoas e revelou vulnerabilidades sociais existentes, que tiveram implicações em grupos específicos. Essa vulnerabilidade impactou a saúde mental da população em geral e de categorias distintas, sobretudo os estudantes de cursos de pós-graduação (Corrêa, 2022; Corrêa et al., 2022; Corrêa et al., 2025).

Vários estudos conduzidos indicaram que os estudantes de pós-graduação vêm desenvolvendo um crescente sofrimento psíquico em comparação com a população em geral (Costa; Nebel, 2018; Corrêa et al., 2022). No contexto pandêmico, as dificuldades enfrentadas foram intensificadas e novos desafios surgiram. A interrupção das atividades acadêmicas presenciais gerou um ambiente ainda mais desafiador, com relação ao gerenciamento da vida privada e acadêmica, realização das pesquisas de campo e ao cumprimento de prazos previamente estabelecidos (Corrêa, 2022; Prado; Freitas, 2022). Esse cenário apresentou desafios ainda mais intensos para as pós-graduandas negras, considerando as desigualdades raciais historicamente presentes no acesso e na permanência no ensino superior brasileiro. Embora este estudo não tenha realizado comparação direta com mulheres autodeclaradas brancas, os achados dialogam com pesquisas que apontam maior vulnerabilização social, acadêmica e emocional da população negra no contexto educacional brasileiro (Corrêa, 2022; Corrêa et al., 2022; Pinheiro; Cordeiro, 2025).

Os programas de pós-graduação no Brasil consolidam uma etapa importante na formação de pesquisadores e profissionais de diferentes áreas. Alicerçado no tripé ensino-pesquisa-extensão, as atividades desenvolvidas por estudantes com seus orientadores são fundamentais para o desenvolvimento científico do país (Schwartzman, 2022). Os espaços acadêmicos, especialmente de nível superior, ainda são pouco ocupados pela população preta, apesar das lutas sociais travadas ao longo dos tempos (Nascimento; Collins, 2020; Sousa et al., 2021).

Vários estudos sobre estudantes em nível mais elevado de ensino foram publicados durante a pandemia de Covid-19 (Corrêa, 2022; Corrêa et al., 2022; Prado;

Freitas, 2022). Entretanto, essas pesquisas se concentraram em aspectos mais gerais da pós-graduação. Embora haja um crescente reconhecimento da importância da diversidade racial e de gênero nas instituições de pesquisa, estudos de grupos marginalizados são pouco explorados, especialmente de estudantes pós-graduandas negras durante o período pandêmico (Nascimento; Collins, 2020).

Com base nesse cenário, este estudo teve como objetivo analisar os impactos da pandemia de COVID-19 sobre os aspectos acadêmicos e psicológicos de mulheres negras autodeclaradas pretas e pardas matriculadas em cursos de pós-graduação no Brasil, considerando as desigualdades raciais e de gênero historicamente presentes no acesso e na permanência no ensino superior.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa é uma investigação qualiquantitativa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Oswaldo Cruz CEP FIOCRUZ/IOC sob o número CAAE: 34985420.0.0000.5248 e todos as entrevistadas assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

## **COLETA DE DADOS**

O estudo foi realizado durante o distanciamento social vivenciado na pandemia de Covid-19 no ano de 2020. Diante desse cenário, foi imprescindível empregar instrumentos de pesquisa que permitissem o acesso às participantes de forma ágil e eficiente. Para isso, o *Google Forms* foi usado como recurso, por ser uma ferramenta online e gratuita que permite coletar dados em tempo real, por meio da criação de questionários que dispõe de diferentes formatos de perguntas (Mota, 2019). Foi usada uma combinação de perguntas estruturadas de múltipla escolha com uma pergunta aberta ao final, divididos em três blocos: i) perfil sociodemográfico; ii) aspectos acadêmicos e iii) aspectos relacionados à saúde mental.

O questionário foi validado remotamente por um grupo focal constituído por um moderador docente e por estudantes de instituições públicas de pós-graduação. O *link* do questionário foi enviado às coordenações dos cursos de diferentes instituições de ensino

e permaneceu disponível de 05 de outubro de 2020 a 31 de dezembro de 2020. Os participantes replicaram o *link* utilizando as redes sociais como *WhatsApp*, *Instagram*, *Facebook* e outras mídias digitais.

### **PARTICIPANTES**

Participaram da pesquisa, de forma voluntária, 1.528 estudantes do sexo feminino que se autodeclararam pardas (n=1.152) e pretas (n=376), provenientes de todas as regiões do Brasil e regularmente matriculadas predominantemente em cursos de pós-graduação *Stricto Sensu* (Mestrado e Doutorado), além de uma pequena parcela vinculada a cursos *Lato Sensu* (Especialização).

Neste estudo, adotamos as categorias raciais definidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que reconhece as identidades “preta” e “parda” como integrantes da população negra brasileira. Embora preservadas analiticamente enquanto categorias distintas, ambas foram consideradas neste estudo a partir de sua inserção histórica comum nos processos de racialização, desigualdade social e exclusão educacional no Brasil. Nesse sentido, utiliza-se, ao longo do texto, a expressão “mulheres negras” como categoria político-social de análise, sem desconsiderar as especificidades históricas e identitárias que atravessam mulheres pretas e pardas (Guimarães, 1999; Freyre, 2006).

A categoria “mulheres negras” é discutida à luz das contribuições de Guimarães (1999), que ressalta que “a realidade das raças se limita, portanto, ao mundo social”. Essa perspectiva permite compreender a identidade racial como uma construção social e histórica, cujos significados são produzidos nas relações sociais e nas trajetórias de resistência e pertencimento vivenciadas por mulheres negras no Brasil.

### **ANÁLISE DE DADOS**

As respostas dos participantes foram tabuladas com base nos dados gerados no Excel, a partir da Plataforma de Formulários do *Google Forms*. Foram excluídas as respostas duplicadas e aquelas que não atendiam ao escopo da pesquisa.

A análise qualitativa foi realizada por meio da tematização, conforme proposta por Fontoura (2011). Essa análise seguiu a seguinte sequência: (i) leitura completa do

material; (ii) delimitação do *corpus* de análise através da identificação de palavras-chave que apareceram com frequência; e (iii) seleção das palavras que mais se repetiram a partir da pergunta aberta, considerando os três blocos do questionário (conforme ilustrado na Figura 2).

## ANÁLISES E RESULTADOS

Embora o estudo tenha utilizado amostragem por adesão voluntária, com recrutamento mediado por redes acadêmicas e digitais, houve participação de estudantes de todas as regiões brasileiras. A distribuição geográfica das participantes acompanha o panorama nacional da pós-graduação descrito pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE, 2024).

Quanto à raça/cor, 24,6% das entrevistadas se autodeclararam pretas e 75,4% pardas. Em relação à faixa etária, observou-se predominância de mulheres entre 18 e 30 anos (49,7%), seguidas pela faixa de 31 a 40 anos (35,13%). As participantes com mais de 40 anos corresponderam a 15,17% da amostra. No que se refere à renda, verificou-se uma distribuição heterogênea entre as participantes, com parte das estudantes relatando rendimento mensal superior a R\$ 7.800,00. A Tabela 1 apresenta os aspectos sociodemográficos das entrevistadas.

**Tabela 1** – Perfil sociodemográfico de pós-graduandas pretas e pardas: idade e distribuição de renda (n=1528)

| Idade           | n- respondentes |       |
|-----------------|-----------------|-------|
|                 | nº1528          | 100%  |
| 18-30 anos      | 760             | 49,7  |
| 31-40 anos      | 536             | 35,13 |
| 41-50 anos      | 172             | 11,25 |
| 51-60 anos      | 52              | 3,4   |
| > 60            | 8               | 0,52  |
| <b>Raça/Cor</b> |                 |       |

|                        |      |       |
|------------------------|------|-------|
| Pardas                 | 1152 | 75,39 |
| Pretas                 | 376  | 24,6  |
| <b>Renda</b>           |      |       |
| ≥ 260,00               | 16   | 1,047 |
| >260,00 -780,00        | 23   | 1,5   |
| > R\$780,00 - 1.300,00 | 68   | 4,45  |
| > 1.300,00 - 1820,00   | 171  | 11,19 |
| > 1.820,00 - R\$2,600  | 241  | 15,77 |
| > 2.600,00 - 3. 900,00 | 249  | 16,29 |
| > 3.900,00- 5.200,00   | 245  | 16,03 |
| > 5.200,00 - 6. 500,00 | 148  | 9,68  |
| > 6.500,00 - 7. 800,00 | 111  | 7,26  |
| > 7. 800,00            | 256  | 16,75 |

Fonte: Elaboração própria

Para discutir a questão da renda entre as pós-graduandas, foram utilizados dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), considerando a composição racial da população negra brasileira e a predominância da categoria “parda” nas classificações censitárias nacionais (Belandi; Gomes, 2023). Também foram analisados os dados de rendimento nominal mensal domiciliar per capita (RDPC) referentes aos anos de 2020 e 2021.

Segundo o IBGE (2022), o rendimento mensal domiciliar per capita da população brasileira apresentou queda de 6,9% em 2021, passando de R\$ 1.454,00 em 2020 para R\$ 1.353,00. Embora esse indicador não se refira especificamente às mulheres negras, estudos apontam que os efeitos da retração econômica atingiram de forma mais intensa grupos socialmente vulnerabilizados, especialmente a população negra e as mulheres. O valor registrado em 2021 correspondeu ao menor da série histórica, cenário associado à redução dos rendimentos do trabalho e aos impactos econômicos decorrentes da pandemia da COVID-19. Em 2022, o rendimento domiciliar per capita médio aumentou

para R\$ 1.625,00, indicando um movimento de recuperação econômica no período pós-pandêmico (IBGE, 2023).

Os resultados desta pesquisa também revelaram heterogeneidade socioeconômica entre as participantes. Entre as respondentes, 16,75% relataram renda mensal superior a R\$ 7.800,00, valor correspondente a mais de cinco salários-mínimos no período analisado. Esse dado sugere que parte das pós-graduandas investigadas possui condições econômicas mais favoráveis, embora o acesso e a permanência na pós-graduação ainda sejam influenciados por desigualdades historicamente presentes no ensino superior brasileiro.

Nesse contexto, os estudos de Colombo (2018) e Schwartzman (2022) corroboram os achados desta pesquisa ao indicar que as condições socioeconômicas influenciam diretamente a continuidade dos estudos, especialmente em níveis mais avançados de formação, como a pós-graduação. Tal cenário evidencia que estudantes com menor renda tendem a enfrentar maiores dificuldades de acesso, permanência e continuidade acadêmica.

A tabela 2 traz os dados do perfil acadêmico das mulheres pós-graduandas entrevistadas.

**Tabela 2-** Perfil acadêmico de pós-graduandas pretas e pardas em programas de pós-graduação (n = 1528)

| Informações educacionais     | n- respondentes |       |
|------------------------------|-----------------|-------|
|                              | nº 1528         | 100%  |
| <b>Nível Educacional</b>     |                 |       |
| Mestrado                     | 817             | 53,48 |
| Doutorado                    | 590             | 38,61 |
| Especialização               | 121             | 7,91  |
| <b>Região de localização</b> |                 |       |
| Sudeste                      | 622             | 40,71 |
| Sul                          | 156             | 10,21 |
| Centro Oeste                 | 179             | 11,85 |

|   |      |       |
|---|------|-------|
| Norte                                       | 141  | 9,23  |
| Nordeste                                    | 428  | 28,01 |
| <b>Natureza da Instituição</b>              |      |       |
| Pública                                     | 1473 | 96,4  |
| Privada                                     | 55   | 3,6   |
| <b>Esfera educacional</b>                   |      |       |
| Federal                                     | 1357 | 88,8  |
| Estadual                                    | 116  | 7,6   |
| Municipal                                   | 1    | -     |
| Privada                                     | 55   | 3,6   |
| <b>Bolsistas</b>                            |      |       |
| Não   | 741  | 48,49 |
| Sim   | 787  | 51,50 |
| <b>Projeto de pesquisa</b>                  |      |       |
| Não fez alterações                          | 272  | 17,8  |
| Fez pequenas alterações                     | 536  | 35,07 |
| Fez significativas alterações               | 559  | 36,58 |
| Total mudança do projeto                    | 161  | 10,53 |
| <b>Atividades realizadas na pandemia *4</b> |      |       |
| Assistindo lives                            | 20   | 1,3   |
| Escrita dissertação/tese                    | 832  | 54,45 |
| Revisão bibliográfica                       | 1031 | 67,47 |
| Disciplinas remotas                         | 936  | 61,25 |

Fonte: Elaboração própria

A maioria das entrevistadas é composta por estudantes de mestrado, totalizando 53,48%, seguidas por 38,61% de doutorado e uma pequena parcela de 7,91% matriculada

<sup>4</sup> O número de respostas somadas não representa 100% porque os participantes podiam marcar mais de uma resposta.

em outros cursos de pós-graduação. Observou-se maior concentração de participantes na região Sudeste (40,71%), enquanto a região Nordeste correspondeu a 28% da amostra. Em relação ao vínculo institucional, 96,4% das estudantes estavam matriculadas em instituições públicas.

Dados recentes da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES, 2023) indicam que as mulheres representam 55% do total de estudantes matriculados em cursos *Stricto Sensu* no Brasil, correspondendo a aproximadamente 224 mil alunas em um universo de 407 mil estudantes de mestrado e doutorado. Apesar do avanço da presença feminina na pós-graduação brasileira, estudos apontam que persistem desigualdades raciais no acesso e na permanência acadêmica, especialmente entre mulheres negras (Artes, 2018; CGEE, 2024).

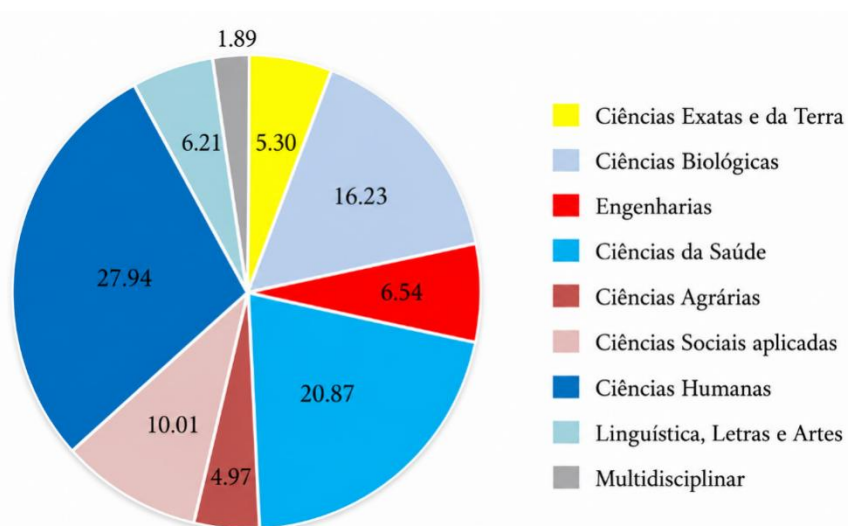
As dificuldades de acesso à educação superior nas regiões Norte e Nordeste também se relacionam às desigualdades históricas e regionais que atravessam a população negra brasileira. Artes (2018) já apontava essa limitação, e dados mais recentes do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE, 2024) corroboram essa análise ao evidenciar que a região Norte possui quantitativo significativamente menor de cursos de pós-graduação em comparação ao Sudeste, região que concentra a maior oferta nacional. Esse cenário reforça a persistência de desigualdades estruturais no acesso à pós-graduação brasileira.

A análise das atividades acadêmicas durante a pandemia de COVID-19 revela que a maioria das participantes se dedicou a revisões bibliográficas, elaboração de dissertações e teses, além da realização de disciplinas remotas. A pandemia intensificou as demandas acadêmicas em decorrência da rápida transição para o ensino remoto e da necessidade de reorganização das atividades de pesquisa. Nesse contexto, Assunção-Luiz (2021) e Corrêa (2022) ressaltam que muitos pesquisadores, especialmente aqueles vinculados a atividades laboratoriais, precisaram adaptar rapidamente suas rotinas acadêmicas para assegurar a continuidade das investigações e evitar interrupções prolongadas em seus percursos formativos, cenário posteriormente denominado por alguns autores como “limbo pandêmico”.

Cerca de 70% dos/as estudantes relataram a necessidade de realizar ajustes, tanto pequenos quanto significativos, em seus projetos em resposta aos desafios do isolamento social. Dentre eles, aproximadamente 20% estavam envolvidos em pesquisas na área da saúde (Figura 1), o que evidenciou a urgente necessidade de adaptação às novas condições. No entanto, essa adaptação não ocorreu sem custos; o descompasso entre as atividades acadêmicas e as demandas da vida pessoal levou a um aumento do esgotamento, impactando negativamente a produtividade acadêmica e gerando incertezas nas trajetórias profissionais dos estudantes (Corrêa et al., 2022; Corrêa et al., 2025).

Adicionalmente, uma pesquisa conduzida pelo "Parent in Science" em 2020, que contou com a participação de quase 15 mil cientistas, destacou que as mulheres negras, independentemente de terem filhos, foram o grupo mais severamente afetado em termos de produtividade acadêmica. Este cenário sublinha a urgência em desenvolver estratégias que promovam o bem-estar e a equidade na produtividade acadêmica, especialmente em épocas de crise. A figura 1 demonstra a proporção de estudantes pretas e pardas, matriculados em cada área de Conhecimento da Capes.

**Figura 1** – Distribuição de estudantes pretas e pardas nas áreas de conhecimento da CAPES



Fonte: Elaboração própria

Os dados obtidos neste estudo revelam que, entre as mulheres pretas, a maioria, representando 29,74%, está matriculada na área de Ciências Humanas, seguida por 20,87% na área de Ciências da Saúde. Em contrapartida, as áreas de Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM) apresentam a menor representatividade.

Esses resultados estão em consonância com os dados do INEP (2023) e do CGEE (2024), que indicam que 73,9% das matrículas em cursos de licenciatura são ocupadas por mulheres, evidenciando uma predominância feminina nas Ciências Humanas, particularmente nas disciplinas relacionadas à Educação. Além disso, o CGEE confirma que a maioria dos/as estudantes de mestrado e doutorado está concentrada nas áreas de Ciências Humanas e Ciências da Saúde, que, até 2021, ofereceram a maior gama de cursos disponíveis (CGEE, 2024).

O estudo de Vanali e Silva (2021) revela que, na pós-graduação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), a maior concentração de estudantes pretos e pardos se encontra na área de Educação, frequentemente considerada de menor prestígio social. Essa tendência está em consonância com as pesquisas de Sousa et al. (2021), que apontam a presença mínima de professoras pretas nos programas de pós-graduação na área da saúde, que é mais prestigiada e altamente concorrida, correspondendo a menos de 10%.

Esse fenômeno está intrinsecamente ligado ao racismo estrutural que permeia os ambientes acadêmicos. Sueli Carneiro (2011) afirma que as instituições tendem a reproduzir privilégios em favor de grupos predominantemente brancos, deslegitimando a atuação da população preta como produtora de conhecimento. Além disso, é fundamental considerar que o passado colonial e escravocrata do Brasil, junto ao racismo que lhe é associado, são fatores cruciais para a atual desigualdade racial e econômica, limitando o acesso da população preta à educação superior. Ribeiro (2018) argumenta que o racismo não é uma anomalia, mas parte integrante de um sistema que se baseia na exploração e gera exclusões profundas.

Em resposta às desigualdades raciais, a implementação de ações afirmativas pelo poder público, conforme a Lei 14.723 de 2023, representa um passo importante na tentativa de mitigar as assimetrias existentes na pós-graduação. Essas iniciativas visam

facilitar o acesso de pessoas pretas, pardas, indígenas, quilombolas e pessoas com deficiência aos programas de pós-graduação *Stricto Sensu* (Brasil, 2023). Embora várias conquistas tenham sido alcançadas no que diz respeito ao acesso à educação universitária, ainda há muito o que se fazer para alcançar a desejável equidade entre pessoas brancas e pretas, principalmente na pós-graduação.

A tabela 3 traz dados sobre o estado psicológico e os suportes oferecidos pelas instituições de pós-graduação das entrevistadas, considerando a influência da pandemia de COVID-19.

**Tabela 3-** Dados sobre o estado psicológico e os suportes oferecidos pelas instituições de pós-graduação às entrevistadas.

| Identificação de problemas de saúde mental                                    | n- respondentes |       |
|---|-----------------|-------|
|   | nº 1528         | 100%  |
| Não teve  | 684             | 44,77 |
| Sim – Ansiedade   | 770             | 50,39 |
| Sim – Depressão   | 231             | 15,11 |
| Sim – Pânico  | 80              | 5,23  |
| <b>Apoio psicológico adequado oferecido pela coordenação de pós-graduação</b> |                 |       |
| Não ofereceu  | 405             | 26,5  |
| Ofereceu ajuda por programas específicos                                      | 177             | 11,58 |
| Não foi solicitado  | 86              | 61,92 |
| <b>Busca por apoio e suporte psicológico</b>                                  |                 |       |
| Não precisou  | 243             | 15,9  |
| Precisou de apoio psicológico   | 842             | 55,1  |

|  |      |       |
|--|------|-------|
| Amigo  | 893  | 58,44 |
| Família  | 828  | 54,18 |
| Orientador   | 245  | 16,03 |
| Rede social  | 98   | 6,41  |
| Comissão de apoio discente                                   | 23   | 1,5   |
| <b>Marque as frases com as<br/>quais você se identifica:</b> |      |       |
| Procurei ajuda psicológica                                   | 564  | 34,29 |
| Me senti desmotivada   | 1267 | 82,91 |
| Tive dificuldade de<br>concentração                          | 1255 | 82,13 |
| Tive dificuldade de dormir                                   | 996  | 65,18 |
| Fiz uso de automedicação                                     | 248  | 16,23 |

---

Fonte: Elaboração própria

Os resultados desse estudo indicam que estudantes jovens, especialmente aquelas com menos de 30 anos, são particularmente vulneráveis ao desenvolvimento de problemas de saúde mental. Constatamos que 50,4% das participantes apresentaram sintomas de ansiedade, enquanto 15,1% relataram o desenvolvimento de quadros depressivos. Embora melhores condições financeiras sejam geralmente compreendidas como fator de proteção emocional, os resultados dessa pesquisa indicam que estudantes em situações de vulnerabilidade socioeconômica e aquelas com posições financeiras relativamente mais estabilizadas enfrentaram desafios emocionais semelhantes. Isso ressalta que a interseção entre raça e gênero pode intensificar sentimentos de isolamento, estresse e ansiedade, independentemente do status econômico.

Os resultados dessa pesquisa estão em consonância com os estudos internacionais e nacionais, sugerindo que os desafios enfrentados ocorreram em diferentes cenários. A pesquisa realizada na China revelou que as mulheres universitárias relataram níveis de ansiedade mais elevados em comparação com os homens (Gao et al., 2020). No Brasil, um estudo conduzido por Corrêa et al. (2022) com 5.985 participantes, em sua maioria mulheres, mostrou que jovens mestrandos /as e doutorandos /as apresentaram taxas



Muitas estudantes negras relataram desmotivação e prejuízos à saúde mental devido às dificuldades enfrentadas, como o cumprimento de prazos e a falta de perspectiva após a conclusão da pesquisa. Além disso, o período do isolamento social impactou negativamente sua vida pessoal e acadêmica, com a dificuldade de exercer o papel de mãe em tempo integral e ser produtiva, conforme ilustrado na figura 2.

Diante da súbita mudança de contexto e da implementação do ensino remoto emergencial, muitas estudantes não conseguiram adaptar suas rotinas e passaram a vivenciar um período de improdutividade, marcado por sentimento de culpa, cobrança, autoboicote e até mesmo desistência (Jeffrey; Siqueira, 2022). O sofrimento causado pelo medo do vírus, o luto sofrido pela perda de familiares e amigos, o isolamento social, os desafios do aprendizado remoto que substituiu o presencial, e a incerteza em relação ao futuro; todos esses aspectos contribuíram para um aumento exacerbado de transtornos mentais entre os/as pós-graduandos/as (tabela 3 e figura 2).

A literatura indica que ser mulher está associado a um aumento da ansiedade e a uma maior prevalência de transtornos mentais (Flesch et al., 2020; Parent in Science, 2020). As mulheres frequentemente enfrentam a sobrecarga resultante das exigências sociais ligadas aos papéis de gênero, bem como a pressão para afirmar sua competência em ambientes predominantemente masculinos, o que agrava ainda mais essa situação.

Ao encontro dos dizeres, mulheres negras estão expostas a uma cobrança duplicada por sofrerem constantemente com estigmas e violências e discursos preconceituosos. Segundo Nascimento e Collins, (2020) esses estereótipos funcionam como imagens de controle, que são traçadas para fazer com que o racismo, o sexismo, a pobreza e outras formas de injustiça social pareçam naturais, normais e inevitáveis na vida cotidiana. Todas essas questões, somadas ao estresse do período pandêmico, impactam negativamente o bem-estar.

A OMS define estresse como um estado de tensão mental e/ou preocupação causado por uma situação difícil (WHO, 2023). Assim, como o estresse instiga o indivíduo a encarar desafios e ameaças, ele é considerado uma resposta humana natural que todos experienciam. O problema acontece quando o estresse se torna exacerbado e patológico, causando reações e sentimentos disfuncionais e, conseqüentemente, prejuízo na vida das

peessoas. Uma contínua exposição a situações/fatores estressantes causa esgotamento e depressão, fazendo com que elas percam a capacidade de se adaptar ao contexto e acabem adoecendo.

É importante ressaltar a correlação negativa entre os sintomas de depressão e a satisfação com as atividades acadêmicas, bem como com a participação em atividades de lazer. Esse cenário sugere que a insatisfação e o estresse acadêmico podem restringir o engajamento dos estudantes em atividades que poderiam servir como um alívio para o estresse e, conseqüentemente, promover bem-estar durante as suas trajetórias.

A saúde mental prejudicada causa um impacto negativo em diversas áreas de suas vidas, incluindo nas relações interpessoais, no bem-estar psicossocial e no desempenho acadêmico-científico. O ambiente acadêmico se mostra ser bastante estressante para estudantes que sofrem com pressão/cobrança acadêmica, problemas financeiros, falta de apoio social e/ou medo do futuro (Côrrea et al., 2025). Goergen (2022) vai além ao considerar a educação como um sistema mecânico, maquínico, automatizado, que se encontra extremamente focado na produtividade e não nas pessoas. Assim, é importante considerar a raça e o gênero como marcadores nessa discussão. A população brasileira é composta por uma paridade entre homens e mulheres, com um sutil predomínio de pretos /as em relação aos brancos/as . Seria de se esperar a mesma proporção no cenário educacional, mas não é o que ocorre.

Portanto, é essencial investigar as dinâmicas de poder nas relações acadêmicas e suas interseções sociais, raciais e históricas e também o racismo e o sexismo presentes nesses espaços nas discussões acadêmicas, buscando entender como essas questões afetam a saúde mental de pós-graduandas negras, especialmente durante a pandemia. A exclusão de pessoas pretas do sistema educacional é resultado de processos históricos e estruturais que perpetuam desigualdades no acesso aos espaços de produção científica e contribuem para a manutenção dos privilégios da branquitude. Ao analisar o acesso e a permanência no ensino superior sob as óticas de gênero e raça, observamos que as mulheres pretas enfrentam uma trajetória marcada por desvantagens decorrentes do racismo e sexismo, pois o ambiente acadêmico reflete e reproduz as relações de poder da

sociedade. É importante continuar na luta para manter e conquistar direitos necessários na reparação histórica da população preta (Pinheiro; Cordeiro, 2025).

## CONCLUSÃO

Este artigo analisou a trajetória de mulheres autodeclaradas pretas e pardas pós-graduandas durante a pandemia de Covid-19, com ênfase nos aspectos acadêmicos e psicológicos. Os dados levantados revelam uma grave crise de saúde mental que afeta essas estudantes, evidenciando a necessidade urgente de que os cursos de pós-graduação reconheçam e abordem essa questão, especialmente sob a perspectiva de raça e gênero. A pesquisa também evidenciou que a maioria das participantes pertence a camadas sociais mais privilegiadas com maior poder aquisitivo, indicando uma exclusão ainda mais acentuada dentro de um grupo já marginalizado. Isso demanda uma análise crítica dos mecanismos que perpetuam tais desigualdades.

Adicionalmente, constatou-se que a pandemia exacerbou o estresse acadêmico, resultando em sintomas de ansiedade e depressão mais frequentes entre as jovens participantes. Essa escassez de suporte psicológico nos cursos de pós-graduação agrava a situação, especialmente para as mulheres negras, que enfrentam uma carga adicional de estigmatização e discriminação em um ambiente acadêmico predominantemente branco. Apesar dessas adversidades, muitas demonstraram resiliência, adaptando seus projetos de pesquisa e seguindo com suas atividades acadêmicas sob pressão.

Diante dessas constatações, é essencial que as instituições de ensino criem espaços de acolhimento acessíveis, permitindo que os estudantes compartilhem suas ansiedades e traumas sem medo de julgamento. Esses ambientes devem promover a reflexão e a discussão, com especial atenção às mulheres, que, além das responsabilidades acadêmicas, enfrentam múltiplos papéis sociais. Medidas concretas, como o suporte psicológico e a promoção de discussões sobre gênero e raça, são fundamentais para eliminar as barreiras enfrentadas pelas mulheres pretas na pós-graduação, garantindo que todas as estudantes possam desenvolver suas trajetórias acadêmicas de forma plena e saudável.

Embora este estudo tenha utilizado amostragem por adesão voluntária e não tenha realizado comparação direta com mulheres autodeclaradas brancas, os resultados apresentados contribuem para ampliar o debate sobre desigualdades raciais, gênero, saúde mental e permanência acadêmica na pós-graduação brasileira, evidenciando questões estruturais que ultrapassam o contexto da pandemia de COVID-19.

Em suma, este estudo sublinha a necessidade urgente de implementar políticas afirmativas robustas, efetivar o apoio institucional e promover ações que garantam equidade no acesso e na permanência em níveis mais elevados de ensino, especialmente em um contexto pós-pandemia.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. **IBGE divulga rendimento domiciliar per capita 2022 para Brasil e Unidades da Federação.** 24 fev. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/36320-ibge-divulga-rendimento-domiciliar-per-capita-2022-para-brasil-e-unidades-da-federacao> . Acesso em: 22 dez . 2024.

Agência IBGE Notícias. **Censo 2022: pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda.** 26 jan 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda>. Acesso em: 02 jan. 2025.

ARTES, A. C. A.; CARVALHO, M. P. de. O trabalho como fator determinante da defasagem escolar dos meninos no Brasil: mito ou realidade? **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 34, p. 41-74, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/3MMrKJMb9G8gFmqfXNH3p8z/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 01 jan. 2025.

ASSUNÇÃO-LUIS, A. V. et al. Impacto da COVID-19 em alunos de pós-graduação. **Olhares & Trilhas**, Uberlândia, v. 23, n. 2, 2021.

BARRETO, M. L. Science, politics, history and the intriguing and persistent mysteries of pandemics. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 4094-4095, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33027346/>. Acesso em: 23 dez. 2024.

BELANDI, C.; GOMES, I. Censo 2022: pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda. Agência IBGE Notícias, 22 dez. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda>. Acesso em: 10 maio.2026

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep). Censo da Educação Superior. Brasília, DF, 2024. Disponível em: [Acesso em: 6 ago. 2024].

BRASIL. **Lei nº 14.723, de 13 de novembro de 2023**. Dispõe sobre o programa especial para o acesso às instituições federais de educação superior e de ensino técnico de nível médio de estudantes pretos, pardos, indígenas e quilombolas e de pessoas com deficiência. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 13 nov. 2023. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2023-2026/2023/Lei/L14723.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Lei/L14723.htm). Acesso em: 23 out. 2024.

CARNEIRO, S. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2011.

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS. **Mestres e Doutores no Brasil 2024**: dados e indicadores. Brasília, DF: CGEE, 2024. Disponível em: <https://www.cgee.org.br>. Acesso em: 10 maio 2026.

COLOMBO, Daniel Gama e. A desigualdade no acesso à pós-graduação Stricto Sensu brasileira: análise do perfil dos ingressantes de cursos de mestrado e doutorado. **Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais**, [S. L.], V. 1, P. 34–34, 2018. Disponível em: <https://cadernosdeestudos.inep.gov.br/ojs3/index.php/cadernos/article/view/1010>. Acesso em: 05 jan. 2025.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Desafios e conquistas das mulheres na pós-graduação**. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/desafios-e-conquistas-das-mulheres-na-pos-graduacao>. Acesso em: 02 fev. 2025.

CORRÊA, R. P. **A pandemia de COVID-19**: impactos em comunidades acadêmicas e de saúde brasileiras. 2022. 268 f. Tese (Doutorado em Ensino em Biociências e Saúde) - Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, 2022.

CORRÊA, R. P. et al. The perceptions of Brazilian postgraduate students about the impact of COVID-19 on their well-being and academic performance. **International Journal of Educational Research Open**, v. 3, p. 100185, 2022. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2666374022000619>. Acesso em: 22 nov. 2024.

CÔRREA, R.P. et al. Quando a crise aprofunda desigualdades: experiências de pós graduandos durante a pandemia de covid. **Educa. Revista Multidisciplinar em Educação**. v. 12, p 25, 2025. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/article/view/7733>. Acesso em: 12 mar. 2026.

COSTA, E. G.; NEBEL, L. O quanto vale a dor? Estudo sobre a saúde mental de estudantes de pós-graduação no Brasil. **Polis. Revista Latino-americana**, n. 50, 2018. Disponível em: <https://journals.openedition.org/polis/15816>. Acesso em: 21 ago. 2024.

DEMENECH, L. M. et al. Prevalence of anxiety, depression and suicidal behaviors among Brazilian undergraduate students: A systematic review and meta-analysis. **Journal of Affective Disorders**, v. 282, p. 147–159, 2021. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0165032720331980>. Acesso: 22 nov. 2024.

FLESCH et al. Major depressive episode among university students in Southern Brazil. **Rev Saúde Pública**, v. 54, n. 11, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/TSNPmhCBLVVDjHWTtdBC54q/>. Acesso: 13 jan. 2025.

FONTOURA, H. A. Tematização como proposta de análise de dados na pesquisa qualitativa. In: FONTOURA, H. A. (Org.). **Formação de professores e diversidades culturais: múltiplos olhares em pesquisa**. Niterói: Intertexto, 2011.

FREITAS, P. H. B. DE. et al. Assessment of the quality of life and mental health of healthcare students during the COVID-19 pandemic. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 76, p. e20230068, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/JFCdp3yNFD7SQVPQV99B3Wh/>. Acesso: 29 dez. 2024.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 52. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

GAO et al. Gender differences in depression, anxiety, and stress among college students: a longitudinal study from China. **J Affect Disord**, v. 263, p. 292-300, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31818792/>. Acesso: 14 nov. 2024.

GOERGEN, P. Pós-graduação hoje: entre maquinização e formação humana. **Revista Exitus**, Santarém/PA, v. 12, p. 01-27, 2022. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/359678621\\_POS-GRADUACAO\\_HOJE\\_entre\\_maquinizacao\\_e\\_formacao\\_humana](https://www.researchgate.net/publication/359678621_POS-GRADUACAO_HOJE_entre_maquinizacao_e_formacao_humana). Acesso: 22 dez. 2024.

GUIMARÃES, A. S. A. **Racismo e antirracismo no Brasil**. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo/Editora 34, 1999.

JEFFREY, D.; SIQUEIRA, I. A Política Educacional: análise de orientações oficiais durante a pandemia de Covid-19. **Revista Exitus**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. e022030, 2022. DOI: 10.24065/2237-9460.2022v12n1ID1862. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.ufopa.edu.br/index.php/revistaexitus/article/view/1862>. Acesso em: 11 fev. 2025.

MOTA, J. S. Utilização do Google Forms na pesquisa acadêmica. **Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 12, p. 371-373, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/1106>. Acesso: 04 ago. 2024.

MÜLLER, Beatriz Cristine. Parent in science: discutindo a parentalidade no meio acadêmico. In: Salão de Extensão, 21., 2020, Porto Alegre, RS. **Caderno de resumos**. Porto Alegre: UFRGS/PROEXT, 2020.

NASCIMENTO, Rosânia do. COLLINS, Patricia Hill. Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. **Pós - Revista Brasileira de Pós-Graduação em Ciências Sociais**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 7, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapos/article/view/29460>. Acesso em: 11 fev. 2025.

NUNES, A.M.B.; MIRANDA, A.B.; SACRAMENTO, C.C. Universidade e saúde mental: oferta de cuidado psicossocial a estudantes universitárias/os/es negras/os/es e/ou LGBTQIA+ no período de pandemia da COVID-19. **E-Hum**, v. 14, n. 1, p. 64-73, 2021. Disponível em: <https://revistas.unibh.br/dchla/article/view/3287>. Acesso em: 06 jan. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Stress**. Geneva: WHO, 2023. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/questions-and-answers/item/stress>. Acesso em: 10 maio 2026.

PINHEIRO, Larissa Madalena da Silva; CORDEIRO, Ana Luisa Alves. Políticas de ações afirmativas e o trabalho intelectual insurgente de estudantes negras/os. **Linguagens, Educação e Sociedade**, [S. l.], v. 29, n. 61, p. 1–30, 2025. DOI: 10.26694/rles.v29i61.6821. Disponível em: [Revista Linguagens, Educação e Sociedade](#). Acesso em: 10 maio 2026.

PRADO, A. S.; DE LUCAS FREITAS, J. O Sistema De Pós-Graduação Brasileiro e a Saúde Mental Dos Estudantes: Que Fragilidades a Pandemia Da Covid-19 Revela? **Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco**, [S. l.], v. 12, n. 28, p. 660–695, 2022. Disponível em: <https://periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/1839>. Acesso: 03 jan. 2024.

RIBEIRO, M. **Políticas de promoção da igualdade racial no Brasil (1986-2010)**. Editora Garamond, 2018.

SCHWARTZMAN, S. Pesquisa e pós-graduação no Brasil: duas faces da mesma moeda? **Estudos Avançados**, v. 36, p. 227-254, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/mM4ZbvgxfKYSjWv6bwL7fMg/>. Acesso em: 12 jan. 2025.

SOUSA, Ana Lucia Nunes de et al. Professoras negras na pós-graduação em saúde: entre o racismo estrutural e a feminização do cuidado. *Saúde em Debate*, v. 45, n. spe1, p. 13-26, out./nov. 2021. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/sdeb/2021.v45nspe1/13-26/pt/>. Acesso em: 10 maio 2026.

VANALI, A. C.; SILVA, P. V. B. DA. Ações afirmativas na pós-graduação Stricto Sensu: análise da Universidade Federal do Paraná. **Cadernos de Pesquisa**, v. 49, n. 171, p. 86–108, jan. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/Q7fwpFtyFzBW6qWS64HjbtN/>. Acesso em: 08 nov. 2024.

#### **HISTÓRICO**

*Submetido:* 12 de Fev. de 2025.

*Aprovado:* 20 de Mar. de 2026.

*Publicado:* 10 de Mai. de 2026.

#### **COMO CITAR O ARTIGO-ABNT:**

CORRÊA, R. P; MOTA, R. C de A. G; STEPHENS, P.R. S. Mulheres negras na pós-graduação brasileira em tempos de pandemia de COVID-19. *Revista Linguagens, Educação e Sociedade*, Teresina, v. 30, n.63, 2026, eISSN:2526-8449.